

COLUNA DO CASTELLO ■ MARCELO PONTES

Para entender a relação de ACM com o governo

As reações repentinas do senador Antônio Carlos Magalhães aparentemente contra o governo que ele próprio apóia devem ser entendidas de três formas. Em primeiro lugar, ACM é assim mesmo, dono do próprio nariz, como se fosse uma ONG. Tem pavio curto, mas também tem telescópio para enxergar até onde pode derramar o seu carinho ou o seu veneno. É eventualmente emocional, mas o mais comum nele é saber calcular friamente, como poucos, a repercussão de seus gestos ou de suas opiniões. Tem os seus defeitos, mas mesmo os adversários não lhe negam uma virtude: é sincero, diz o que pensa, de preferência na cara do freguês.

Em segundo lugar, o ACM normal é este que se vê hoje em dia, e não o que passou os últimos dois meses quietinho, recolhido, conversando muito, dando opiniões mas pouquíssimas e bem pensadas

declarações. Fez isso de propósito. Conhecendo o próprio temperamento, não queria deixar escapar o menor pretexto para que fosse prejudicada a candidatura de seu filho Luís Eduardo Magalhães a presidente da Câmara dos Deputados. Luís Eduardo ganhou pelos méritos que ele próprio tem, mas poderia perder votos se o pai não o ajudasse com o seu estratégico silêncio. E, quando volta a ser o que verdadeiramente é, a primeira coisa que ACM faz é sintonizar-se com as ruas. Foi o que fez ao admitir ontem a possibilidade de apoiar a derrubada do veto ao salário mínimo de R\$ 100, na hipótese de o governo não tomar providências imediatas nessa área.

Em terceiro lugar, o que existe hoje em Brasília é uma acomodação do terreno político onde pisam ACM e todos os seus parceiros de coligação com o governo. Não se podia esperar que só os primeiros 40 dias de governo fossem suficientes para definir a força de cada um dos grupos tão variados que cercam hoje o presidente Fernando Henrique Cardoso.

No governo de um presidente da República filiado ao PSDB, a figura do meio político a ter mais destaque deveria ser o próprio presidente do PSDB. No entanto, Pimenta da Veiga, presidente do partido, sumiu. Mário Covas cuida só de São

Paulo, Tasso Jereissati só do Ceará. José Serra trancou-se no Ministério do Planejamento, e Ciro Gomes foi para os Estados Unidos.

O resultado é que o PFL, um partido de esper-tos e eficientes operadores políticos, se esparramou por esse espaço. Em política, como se sabe, não existe espaço vazio. Quatro exemplos dessa ocupação: Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Luís Eduardo Magalhães e ACM. O vice-presidente da República, Marco Maciel, consegue andar entre pingos de chuva com o seu jeito macio de conversar e de ampliar os contatos políticos do governo. Circula por todo canto, e encanta o presidente Fernando Henrique com a sua inesgotável capacidade de trabalho e a sua lealdade.

Um tucano ciumento qualquer poderia pedir duas provas: cite uma articulação política de Marco Maciel que tenha dado certo; e diga qual é a força concreta que ele tem, se quem manda no PFL não é ele, mas ACM e Bornhausen. É verdade que ninguém tem saudades do tempo em que Maciel foi chefe da Casa Civil e articulador político do presidente José Sarney. Também é verdade que se ele der um murro na mesa numa reunião qualquer do PFL ninguém vai tremer. Mas a força dele está exatamente nessa capacidade oposta à de ACM — a de ter longo fôlego

político sem precisar ser agressivo. Os políticos em geral o respeitam por isso.

Jorge Bornhausen se esgueira entre os outros partidos menores em busca de novas adesões para o PFL. É enlouquecedor o assédio que o PFL vem fazendo aos parlamentares dos pequenos partidos. Acena simplesmente com uma realidade extremamente sedutora em sua faixa ideológica: é um partido que está no governo. E num governo que está dando, e continuará dando certo, garante. O sonho do PFL hoje é ser a maior bancada no Congresso, maior do que a do PMDB, um partido que está muito incomodado com a sua gelatinosa condição: aderiu ao governo sem ser governo; não se engaja no governo nem consegue ser oposição. Não tem graça nenhuma ser governo sem entusiasmo ou oposição sem impetuosidade. Se quer ser governo, o PMDB deveria procurar primeiro Marco Maciel. Se quer ir para oposição, basta reler a sua própria história.

Nesse cenário, quem mais poderia reinar absoluto além de ACM? Hoje, concretamente, enquanto o Congresso não volta a funcionar, existem três fortes pólos políticos no Brasil. Um, obviamente, é o Palácio do Planalto. O outro é o PFL. Ou seja, ACM. E o terceiro é a opinião pública, que pode aplaudir, odiar ou ficar indiferente ao espetáculo.